

# LIÇÃO 06

## A TEOLOGIA DE ELIFAZ: SÓ OS PECADORES SOFREM?

08 de novembro de 2020

*Professor Alberto*

### TEXTO ÁUREO

*“Lembra-te, agora: qual é o inocente que jamais pereceu? E onde foram os sinceros destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade e semeiam o mal segam isso mesmo” (Jó 4.7,8).*



### VERDADE PRÁTICA

*Embora transcendente, Deus tem prazer em se relacionar com o homem terreno.*

# LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

**Jó 4.1-8; Jó 15.1-4; 22.1-5**

## **Jó 4**

*1 - Então, respondeu Elifaz, o temanita, e disse:*

*2 - Se intentarmos falar-te, enfadar-te-ás? Mas quem poderá conter as palavras?*

*3 - Eis que ensinaste a muitos e esforçaste as mãos fracas.*

*4 - As tuas palavras levantaram os que tropeçavam, e os joelhos desfalecentes fortificaste.*

*5 - Mas agora a ti te vem, e te enfadas; e, tocando-te a ti, te perturbas.*

*6- Porventura, não era o teu temor de Deus a tua confiança, e a tua esperança, a sinceridade dos teus caminhos?*

*7 - Lembra-te, agora: qual é o inocente que jamais pereceu? E onde foram os sinceros destruídos?*

*8 - Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade e semeiam o mal segam isso mesmo.*

## **Jó 15**

*1 - Então, respondeu Elifaz, o temanita, e disse:*

*2 - Porventura, dará o sábio, em resposta, ciência de vento? E encherá o seu ventre de vento oriental,*

*3- arguindo com palavras que de nada servem e com razões que de nada aproveitam?*

*4 - E tu tens feito vão o temor e diminuis os rogos diante de Deus.*

## **Jó 22**

*1 - Então, respondeu Elifaz, o temanita, e disse:*

*2 - Porventura, o homem será de algum proveito a Deus? Antes, a si mesmo o prudente será proveitoso.*

*3- Ou tem o Todo-Poderoso prazer em que tu sejas justo, ou lucro algum em que tu faças perfeitos os teus caminhos?*

*4- Ou te repreende pelo temor que tem de ti, ou entra contigo em juízo?*

*5 - Porventura, não é grande a tua malícia; e sem termo, as tuas iniquidades?*

## COMENTÁRIO DO TEXTO ÁUREO

***“Lembra-te, agora: qual é o inocente que jamais pereceu? E onde foram os sinceros destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade e semeiam o mal segam isso mesmo” (Jó 4.7,8).***

O contexto do nosso texto áureo está no capítulo 4 do Livro de Jó entre os versículos 01 a 21 quando Elifaz repreende Jó.

***“Lembra-te, agora: qual é o inocente que jamais pereceu? ...”*** - A teologia de Elifaz não podia ir além do que era óbvio, a doutrina tradicional de um indivíduo material que sofre as retribuições deste mundo por causa de pecados cometidos. Ele não apelou para uma retribuição de pós-túmulo como meio de equilibrar as contas. Não falou sobre uma alma imortal e imaterial, nem sobre as doutrinas do céu e da terra. Sua teologia estava rigidamente dentro dos limites dos conceitos materiais.

Elifaz não podia imaginar um único exemplo de sofrimento “sem causa” (Jó 2.3). Para ele, os inocentes não sofreriam. O problema do mal era explicado por ele com a Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura, o básico “plantou-colheu”. Sua teologia era, na realidade, uma humanoilogia, visto que não tinha mistérios. Seu sistema não tinha defeitos, pensava ele, mas, para conseguir tal sistema, ele tinha de simplificar, aquilo que é o vício das teologias sistemáticas. Para conseguir armar uma teologia sistemática, sem nenhuma exceção evidente e nenhum problema difícil, é preciso engajar-se numa quádrupla atividade: simplificar, omitir, adicionar e distorcer as Escrituras. Além disso, é preciso supor que as Escrituras Sagradas são um compêndio absoluto de ideias teológicas, algo que elas não reivindicam para si mesmas.

Em Provérbios 1.32 declara: ***“Até a prosperidade, para nada dizemos sobre a adversidade, é uma punição para os ímpios”***. Para os justos, entretanto, os castigos trabalham para o bem deles (Sl 119.67; Is 71.75).

**“... E onde foram os sinceros destruídos?...”** - É anacronismo fazer disso a punição pelo pecado, em alguma existência do pós-túmulo. E a punição “neste mundo”, que terminasse na morte, era o que Elifaz tinha em mente. Elifaz, como é óbvio, tinha visto outros casos de “sofrimento inocente”, mas sempre fizera desses casos possibilidades de pecados secretos sendo punidos.

**“... Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade e semeiam o mal segam isso mesmo” (Jó 4.7,8).** É possível que Paulo tenha citado este versículo (de forma livre) quando nos deu a lei da colheita segundo a sementeira, em Gálatas 6.7,8. Dentro da teologia e da filosofia, essa lei é aplicada de maneira bastante ampla.

A lei da colheita segundo a sementeira desfruta de larga aplicação no pensamento humano. Elifaz tinha uma versão dessa aplicação: o homem é punido neste mundo físico devido ao mal que ele pratica. Sua mente não ia além disso. Ele era cego o bastante para supor que, tendo dito isso, houvesse explicado o problema do sofrimento humano, mas isso é apenas um começo, quando estamos tratando com o problema do mal. Elifaz, pensando que já havia descoberto toda a verdade, não tinha paciência com a investigação.

## INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos o discurso de Elifaz.

Ele é o primeiro amigo de Jó a expor sua concepção teológica acerca da situação degradante em que se encontrava o homem de Uz.

Nesse sentido, veremos que, para Elifaz, a justiça retributiva é certa, ou seja, só os pecadores sofrem e os justos não passam por revezes.

Para ele, Jó contrariou esse ensinamento, atacou a forma religiosa de pensar e, portanto, feriu a ortodoxia que deveria guardar.

Finalmente, veremos também as respostas de Jó a cada acusação de Elifaz.

## PONTO CENTRAL

*Não só os pecadores sofrem.*

# I – OS PECADORES NO CONTEXTO DA JUSTIÇA RETRIBUTIVA

## ***I.1. A lei da sementeira e da colheita.***

Depois de firmar um princípio oriental de cordialidade, Elifaz se dirige a Jó com uma defesa contundente do pensamento teológico tradicional – a justiça retributiva.

Ele está firmemente convencido de que a lei de causa e efeito é um princípio da ortodoxia teológica que não pode ser contraditado.

## ***I.2. O homem colhe o que plantou.***

Essa primeira parte de seu discurso compreende os capítulos 4 e 5, em que defende que o homem colhe o que plantou: *“Segundo eu tenho visto, os que lavram iniquidade e semeiam o mal segam isso mesmo” (Jó 4.8).*

Para Elifaz nós habitamos em um universo moral que exige consequências de nossas ações.

A Bíblia mostra esse princípio.

Por exemplo, o salmista confirma que Deus é bom e justo e, por isso, recompensa os bons e pune os maus (Sl 1.6).

O Novo Testamento também atesta esse princípio: *“Porque os olhos do Senhor estão sobre os justos, [...] mas o rosto do Senhor é contra os que fazem males” (1 Pe 3.12).*

Portanto, Elifaz defende que o pecado sempre produz consequências, mas que somente os pecadores pagam por isso.

Assim, segundo Elifaz, se Jó estava sofrendo era porque havia pecado.

Cabia a Jó, então, assumir a responsabilidade moral de seu pecado. Não havia outra opção.

Quantos são os que fazem acusações precipitadas quando alguém passa por momentos delicados na vida?

Ao julgar precipitadamente, muitos cometem injustiças e esquecem de que Deus é quem pode ver todo o lado da questão.

### ***1.3. A queixa de Jó.***

Em sua defesa, Jó se contrapõe à teologia de Elifaz (Jó 6–7).

Essa teologia era a base de como se imaginava o universo governado por uma lei moral de causa e efeito: Há uma recompensa para os bons e punição para os maus. Elifaz não estava de todo errado, mas equivocou-se quando pensava que esse pressuposto era o único existente.

Tratava de parte da verdade, mas não de toda. Sua teologia não se aplicava no caso de Jó.

O patriarca não aceita a tese de Elifaz e, por isso, sente-se alienado de Deus, (6.1-7), de si mesmo (6.8-13) e de seus amigos (6.14-23). Isso leva Jó a se queixar de Deus (Jó 6.1-13). Ele se queixa pela sua atual situação.

É uma queixa fundamentada ainda nos antigos pressupostos teológicos: Ele era justo, não estava em pecado, portanto, não merecia sofrer.

Em seguida, Jó se queixa a Deus (Jó 7.11-21), desejando abrir uma porta de diálogo com o Altíssimo.

Ele não quer explicações baseadas em teorias teológicas antigas, mas uma conversa sincera através de um relacionamento direto com o Criador, onde Jó fala com Ele e Deus fala com Jó.

No momento da dor, a melhor coisa a se fazer é se dirigir pessoalmente a Deus.

## **SÍNTESE DO TÓPICO (I)**

***Elifaz traz a lei retributiva, da sementeira e da colheita; mas Jó contesta essa lei em relação a si mesmo***

## II. OS PECADORES NO CONTEXTO DA TRADIÇÃO RELIGIOSA

### ***II.1. Ortodoxia engessada.***

Em seu segundo discurso (Jó 15.1-35), Elifaz argumenta que as palavras de Jó são uma ameaça ao dogma religioso aceito: *“E tu tens feito vão o temor e diminuis os rogos diante de Deus” (15.4).*

Assim, se Jó estivesse certo, a religião tradicional, que sempre ensinou a prosperidade dos bons e o sofrimento dos maus, estaria errada.

Nesse aspecto, Jó era uma ameaça àquela forma de pensar.

Por isso Elifaz ataca Jó de uma forma contundente dizendo que suas palavras não revelam sabedoria, mas são palavras ao vento.

O patriarca se expressa em linguagem poética, mas sua mensagem é profética.

### ***II.2. Uma ameaça à tradição religiosa.***

A partir do versículo 7 do capítulo 15, Elifaz apela para a tradição religiosa como forma de validar seu princípio teológico: *“Que sabes tu, que nós não saibamos? Que entendes, que não haja em nós? Também há entre nós encanecidos e idosos, muito mais idosos do que teu pai” (15.9,10).*

Segundo Elifaz, ainda que fosse homem sábio, Jó não era mais sábio nem mais antigo do que o dogma que ele estava negando.

### ***II.3. Um defensor celeste.***

Em sua defesa, Jó se contrapõe ironicamente ao argumento de Elifaz (Jó 16–17).

Aqui não podemos esquecer de que a resposta de Jó deve ser ouvida na forma poética, conforme o fazemos em salmos, orações e súplicas recitados assim.

Isso evita um literalismo rígido que empobrece o sentido do texto, quando este é poético, e, conseqüentemente, transforma Jó em um sacrílego.

Nesse texto Jó reclama, mas não blasfema contra Deus.

Ele tem consciência de que a teologia de seu amigo firmava-se na terra, mas o homem de Uz apelava aos céus.

Sua fé o projeta para o alto, à procura de quem possa defendê-lo.

Ele quer um defensor que interceda por ele no céu (Jó 16.18—17.2).

O patriarca se expressa em linguagem poética, mas sua mensagem é profética.

Seu anseio por um mediador prenuncia o justo advogado, Jesus Cristo (1 Jo 1.5,7).

## **SÍNTESE DO TÓPICO (II)**

*Diante do novo discurso de Elifaz, Jó reclama, mas não blasfema contra Deus.*

## **III. OS PECADORES DIANTE DE UM DEUS INFINITO**

### ***III.1. Deus não se importa com quimeras humanas.***

Em seu terceiro discurso (Jó 22), Elifaz apela para a transcendência divina ao atacar Jó.

Grosso modo, a transcendência diz respeito ao conjunto de atributos do Criador que ressalta a sua superioridade em relação à criatura.

Significa que Deus está acima da Criação e não é limitado por ela.



Realça, portanto, a infinitude divina em contraste com a finitude humana (Jó 22.1-3).

Para Elifaz, o sofrimento de Jó era um atestado de que ele havia pecado e que, por isso, Deus o havia abandonado; Ele era grande e não poderia se envolver em quimeras humanas, principalmente nas do pecador Jó.

A teologia de Elifaz destaca um Deus transcendente, porém, distante, que não se importa muito com o que acontece aqui na terra, indiferente às coisas que criou (Jó 22.12).

Não adiantava Jó chorar ou reclamar. Ele precisava se arrepender.

### ***III.2. Deus caminha com os homens.***

Nessa parte da poesia Jó expõe seus argumentos de forma mais clara (Jó 23.1—24.25).

Ele demonstra que nunca negou a transcendência de Deus como Elifaz quer dar a entender.

Ele reconhece que Deus é excelso e pode fazer o que intenta: *“Mas, se ele está contra alguém, quem, então, o desviará? O que a sua alma quiser, isso fará”* (Jó 23.13).

Todavia, esse é apenas um lado da história.

Jó está consciente que esse Deus, embora grande, também caminha com os homens (Jó 23.10).

A ideia no texto hebraico é que Jó passa a ficar cada vez mais seguro e consciente, não apenas de seu caminhar com Deus, mas do caminhar de Deus com ele.

É exatamente isto: Não devemos temer mais em ficar diante de Deus, pois o andar com Ele é reto.

Em Cristo Jesus, Deus caminha com os homens; sendo o Altíssimo transcendente, envolve-se com os seres humanos nos diversos detalhes da vida.

## **SÍNTESE DO TÓPICO (III)**

***Enquanto para Elifaz Deus não se importava com as quimeras humanas, para Jó Ele caminhava com os homens.***

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos o pensamento teológico de Elifaz, um dos amigos de Jó.

Para ele só os maus sofriam os infortúnios da vida.

Ele estava convencido de que ao se negar a reconhecer de que estava em pecado, Jó depunha contra a religião tradicional que sempre associou as desgraças ao cometimento de algum pecado.

Para ele, Jó estava abandonado por Deus e isso era uma prova irrefutável de que havia pecado. Jó o contrapôs e defendeu sua integridade e comunhão diante de Deus.

Assista a vídeo-aula no site:

[www.professoralberto.com.br](http://www.professoralberto.com.br)